



## A TRAVESSIA DO PLURAL AO SINGULAR: VELHICE E LAÇO SOCIAL

Emanuella Oliveira Diniz Lins <sup>1</sup>  
Waleska Ferreira Xavier <sup>2</sup>  
Karynna Magalhães Barros da Nóbrega <sup>3</sup>

### RESUMO

A velhice é a travessia do plural ao singular, ou seja, um processo marcado por múltiplos discursos atrelados à vivência histórica e à inserção social do sujeito velho, sendo as suas memórias e narrativa muitas vezes negligenciadas do laço social. Nesse trabalho, a partir da psicanálise de orientação lacaniana, compreendemos que o sujeito do desejo não envelhece, dado que o inconsciente é atemporal. Portanto, faz-se possível compreender o processo de reminiscência, como uma forma de rememorar a própria história em meio ao laço social, narrativa que para existir necessita de outro que o escute e acolha, ecoando o seu testemunho. Assim, o presente trabalho é um relato de experiência, de caráter descritivo, desenvolvido no Centro Municipal de Convivência do Idoso, localizado na cidade de Campina Grande – PB, durante o curso do Estágio Supervisionado Básico I, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, realizado em dezembro de 2021 a abril de 2022; durante o qual foi possível, através do acolhimento dos idosos em escuta, recolhemos, ecoar e perceber a articulação que as reminiscências permitem entre o passado e o presente, preservando a identificação do sujeito de forma particular e em meio ao convívio social, para que seja possível desejar o futuro.

**Palavras-chave:** Velhice, Singular, Reminiscências, Laço Social, Psicanálise.

### INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento é comumente pensado a partir, apenas, da compreensão do discurso científico, de que o passar do tempo cronológico faz com que o corpo perca a vitalidade e o metabolismo sofra um declínio; ou ainda, que este se resume a um momento da vida em que há maior fragilidade fisiológica, e portanto, patologias associadas surgem especificamente. Em sua clássica obra “A Velhice” (1970/ 2018), Simone D’ Beauvoir nos traz um apanhado antropológico e uma crítica a essa compreensão patologizante do envelhecer, já que, segundo a mesma, apesar de se tratar de um fenômeno, um processo biológico, a velhice também está intrinsecamente associada à vivência histórica e à inserção social do sujeito (BEAUVOIR, 1970/ 2018), ou seja, trata-se de um fato cultural. As influências da categoria

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [eolidl@hotmail.com](mailto:eolidl@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [waleska.ferreiraa@gmail.com](mailto:waleska.ferreiraa@gmail.com);

<sup>3</sup> Professor orientador: Doutora, Professora adjunta III do curso de Psicologia, Unidade Acadêmica de Psicologia, UFCG, Campina Grande-PB, [karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br](mailto:karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br)



social sobre a senescência são “escolhidas” pelo próprio sujeito, de acordo com os significantes de cada um.

Concordamos com Beauvoir e adentramos ainda um outro embasamento teórico, o da percepção psicanalítica, segundo a qual o tempo cronológico e o tempo lógico são vivenciados de forma diferente, inclusive à revelia um do outro, sendo o tempo lógico o tempo do inconsciente, possibilitando-nos dizer que o sujeito não envelhece, bem como o desejo, embora o sujeito tenha que se haver com as dificuldades do corpo e do mundo, como nos descreve muito bem Goldfarb (1997): "A atemporalidade do inconsciente não significa que ele está fora de qualquer tempo, mas no presente constante da repetição" (p.48), ou seja, na renovada reiteração e atualização do desejo. Esse sujeito de desejo é pulsante e demarca a singularidade do idoso na sua maneira de ser e estar no mundo, bem como o posicionamento que assume na relação consigo e com os que estão ao seu redor.

No decurso do Estágio Supervisionado Básico I ofertado pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande no Centro Municipal de Convivência do Idoso (CMCI), foi possível observar e principalmente escutar como o processo de envelhecimento é algo atravessado por múltiplos discursos, mas principalmente pela memória e pela repetição de lembranças, o que é compreensível por nós diante da afirmativa de que o inconsciente é atemporal, e já que, a necessidade de recuperação da memória é fundamental para que essa população possa vivenciar a velhice de maneira a, pensando o passado, narrando-o no presente, desejar viver o futuro. À vista disso, esse artigo visa compreender as reminiscências, por meio das quais se rememora a própria história: narrando, para que, escutando e acolhendo, o outro ecoe o seu testemunho, não permitindo o apagamento do sujeito no laço social e a relação intrínseca essa dimensão do convívio que é a do sujeito ao Outro social. Trata-se portanto, de uma travessia do plural, - os discursos existentes que generalizam a vivência acerca do que é a velhice e o envelhecer – ao singular – aquilo que apenas o sujeito sabe sobre si, e partilha no laço social para permanecer se fazendo existir

## **METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de um relato de experiência, de caráter descritivo, advindo de um estágio obrigatório, componente curricular do curso de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no período de dezembro de 2021 a abril de 2022. O relato de experiência é uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica.



O estágio ocorreu no Centro Municipal de Convivência do Idoso (CMCI), em Campina Grande, PB, localizado no bairro dos Cuités. O CMCI é um serviço público integrado à Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), que oferece atenção na modalidade não-asilar, prevista na Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1996), funciona de segunda à sexta-feira no período da manhã e abrange um contingente de em média 50 idosos por dia, dispendo de uma equipe multidisciplinar.

Para nortear nossas discussões, embasamos o nosso trabalho nas compreensões e conceitos da psicanálise de orientação lacaniana, uma vez que percebemos sua importância no que diz respeito à compreensão da velhice e do sujeito velho, bem como implica-se a ofertar espaços de escuta e de diálogo, seja nos ambientes familiares, seja em outros espaços sociais de convívio para o velho, como o Centro de Convivência, de modo que tenha condições de atualizar a si mesmo enquanto sujeito de desejos, interesses e posições.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O processo de envelhecimento é marcado por múltiplos discursos atrelados à vivência histórica e à inserção social do sujeito velho, sendo portanto um processo determinado pela época e pela cultura, a velhice, é então, nomeada com significantes que incidem sobre os sujeitos e provocam efeitos (MUCIDA, 2006). Dessa forma, ao pensar o “ser velho”, a psicanálise discorda do discurso científico que, a partir de seus avanços e com o prolongar dos anos vividos, causa consequências e sintomas a partir daquilo que tem a dizer sobre o sujeito velho, ao insistir na tentativa de em apagamento daquilo que é da ordem do um a um em detrimento da generalização do que é possível observar nesse momento da vida.

Diferentemente de outros discursos, a psicanálise visa o singular de cada sujeito, o “ser velho”. O aporte psicanalítico de Freud e Lacan nos ensina que o inconsciente não envelhece, algo fundamental para se compreender o sujeito (MUCIDA, 2006). Assim, é possível perceber que a narrativa escrita por alguém sobre a sua própria vida não segue necessariamente o tempo cronológico. A contagem dos anos que culturalmente nos faz compreender que envelhecemos, obviamente nos influencia e atravessa, mas não dá conta de explicar tudo o que acontece na descrição do sujeito sobre si e sobre o mundo ao longo dos percalços e vicissitudes que vivencia, já que, certamente, o desejo não tem idade, e não envelhece como o nosso corpo. A partir disso, percebe-se que há traços que não se alteram com a passagem do tempo: “A velhice não traz em cena outro sujeito.” (MUCIDA, 2009, p. 23), ele permanece inconscientemente sustentando o desejo, e apostando na vida, apesar dos traços e marcas no corpo, causados pelo efeito do tempo

cronológico sobre o corpo biológico. É nesse saber do sujeito sobre si ao longo do tempo e às memórias de que ele se recorda, e como contá-las o mantém vivo no laço com o outro, que pensamos ao escrever esse trabalho. Em uma de suas obras sobre o envelhecer, “Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice”, Ângela Mucida (2009) ensina que, o biológico e o anatômico sofrem interferência do sujeito, principalmente como resistência ao convite insistente da cultura de que se ceda as diferenças em prol de uma única forma de viver. Sendo as memórias e a narrativa delas um dos maiores traços da singularidade, pois apenas o sujeito é capaz de contar sobre elas, estas têm sido muitas vezes negligenciadas no laço social, por isso a importância do convívio com o outro. Durante a escuta dos idosos durante a vigência do estágio foi possível perceber o uso das repetições de memórias e afetações, para as quais dificilmente há atenção por parte do Outro social.

Pensando no Centro Municipal de Convicência do Idoso, local em que o estágio se desenvolveu, é um serviço em que são oferecidos vários tipos de atividades grupais e individuais, em um espaço amplo e o trabalho diário de uma equipe multiprofissional. É importante ressaltar que dificilmente os usuários do serviço ficam sem a visita ou a presença de estagiários, tendo em vista o interesse das faculdades e universidades da cidade, que propõem, por intermédio dos diversos cursos, atividades diversas, as quais movimentam bastante a rotina do local. Durante o nosso estágio, foi realizado, em um primeiro momento, um levantamento sobre temáticas da preferência dos usuários, e demandas sobre as quais gostariam de falar ou trabalhar sobre. A posteriori, planejamos, pautados nessas informações, ações como conversações e oficinas temáticas, bem como escutas individuais com aqueles que nos procurassem para tanto.

No decorrer de uma das intervenções realizadas, em que se discutia em conversação a automedicação, um dos idosos se aproximou depois de encerrado o momento coletivo, para narrar a própria relação para com a temática, já que em meio ao grupo, ele não se sentia acolhido a fazê-lo, porque já o consideravam e o nomeavam alguém que “falava demais”. Interessante perceber que apesar de encontrar dificuldade em partilhar suas vivências singulares em meio ao grande grupo, esse senhor acha importante falar sobre elas em particular, ou seja, é um momento significativo para ele, endereçar a um outro sua narrativa, legitimando-a. Esse outro, um grupo novo, de estagiários que estiveram ali por algumas semanas, ou seja, outros que possivelmente diferente do grupo com o qual convive diariamente, estaria aberto a acolher suas impressões sobre a temática proposta.

Outro exemplo, é o caso de uma senhora que nos procurou três vezes para uma escuta individual e sempre repetia a mesma situação difícil do convívio com um filho que lhe



maltratava, ignorando-a, e o fato de que o luto pela morte recente do filho mais velho lhe causava menos sofrimento que essa exclusão. Por tomarmos a repetição de um lugar diferente, como Freud descreve no texto *Repetir, recordar e elaborar* (1914/2010): há que se repetir o que está muitas vezes recalcado, recordar de várias formas, narrando em diferentes associações, até que se ressignifique, elabore e supere. Oferecendo-se esse espaço de escuta frente ao posicionamento ético proposto pela transferência psicanalítica, foi possível à essa senhora dizer-se “aliviada”, por poder falar livremente sobre essas situações de sofrimento.

Ambos os exemplos de escuta individual acima descritas são percebidas pelo discurso psicanalítico como propícias à compreensão do processo de reminiscência, que segundo Delia Catullo Goldfarb (1998), é uma forma de recordar a própria história em meio ao laço social, não permitindo o apagamento daquilo que é um saber singular sobre a própria história e sofrimentos. Ao dispor de um lugar de acolhimento de suas memórias e queixas, nesse caso, o grupo dos estagiários, esses sujeitos apropriam-se de suas próprias memórias, uma vez que o Outro social ao invés de rechaçá-los, os permite afirmar sua importância e suas vivências, o que lhe pertence mais intimamente. A reminiscência, portanto, é uma narrativa que, para existir, necessita de outro que o escute e acolha, ecoando o testemunho, dando voz àquilo que estava inaudível e com isso possibilita um trabalho de ressignificação e elaboração.

Destacamos ainda, outro exemplo de reminiscência vivenciado no estágio, aconteceu em um dia sem atividades programadas previamente, em que estivemos presentes no serviço e ficamos conversando com alguns poucos usuários, de forma despretensiosa. Essa conversa acabou enveredando pelo assunto das festividades familiares e populares de São João, sobre o qual todos tinham muito a falar. Nos chamou atenção uma das idosas, que repetiu várias vezes, contando em detalhes como era a sua casa no estado do Ceará, onde viveu com seus muitos irmãos sua infância; uma casa segundo ela, enorme, na zona rural, na qual vivenciou muitas festas cheias de música junina e danças. No momento em que narrava, ela se levantou da cadeira, mostrou com as pedras do chão o tamanho do terraço no qual dançavam, dançou como seu pai a ensinou, e cantarolou algumas das canções sobre as quais falou e que tocavam nessas festas.

Interessa-nos não apenas a beleza dessa narrativa, que demonstra uma memória preservada em detalhes à ação do tempo cronológico, mas, principalmente notar o fato de que mesmo estando há dois meses no estágio ela não tinha falado em meio ao grupo durante as atividades propostas, sendo perceptível que, naquele momento, ao encontrar um espaço em que lhe pareceu possível ser escutada, confiou suas lembranças com a afetação própria às memórias reminiscentes. Mais detalhadamente, trata-se de trazer à lembrança memórias de algo que se

passou com ela e atualizando-as ao contar no tempo presente, preservar a identificação dela enquanto sujeito de forma particular com aquela memória, e dela mesma em meio ao convívio social, já que, falar ao outro sobre suas memórias é identificar-se como único sujeito capaz de fazê-lo porque só este recorda do que viveu dessa forma para contá-lo. Neste sentido, o gesto de narrar memórias do passado é um ato de manutenção da integridade do Eu frente despersonalização promovida pelas marcas que o tempo confere à identidade do idoso, permitindo a integração entre passado e presente e a construção deste novo *dever*, o “ser idoso” (GOLDFARB, 2009), ou seja, a partir do narrar, notamos como o idoso pode integrar o passado com o presente, bem como o desejo de perpetuar histórias permeadas de saberes para gerações futuras.

Ainda, essa narrativa nos recorda Goldfarb (2009), ao ressaltar que a memória, quando narrada e compartilhada com um interlocutor, possui um papel fundamental na velhice, já que ao verbalizar suas vivências pregressas, o idoso consegue resgatar a historicidade do Eu, permitindo a manutenção da sua unidade subjetiva apesar de todas as mudanças promovidas pela ação do tempo e inscritas no corpo envelhecido. Para além de um saudosismo, é uma tentativa de alimentar o ego, já que na velhice ele não é mais representante ideal da imagem que se quer ver no espelho do outro (MESSY, 1993; MUCIDA, 2009). Portanto, ao contar sua história a um outro que se dispõe a escutá-la, o idoso não estaria diante de um processo passivo de lamentação sobre o passado perdido, mas sim, em um processo ativo em que lhe é permitido revisitar e ressignificar a vida pregressa, resgatando elementos de uma identidade que é constantemente ameaçada pelas alterações físicas, psíquicas e sociais que marcam esta etapa da vida (GOLDFARB, 2009; SALLES, 2018). Sendo assim, percebe-se a reminiscência, como um processo de legitimação das memórias de um sujeito e suas memórias singulares, ao Outro social, fazendo-se crucial à construção de desejar o futuro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, faz-se claramente necessário, avançar na articulação possível entre o envelhecimento e as concepções da psicanálise sobre o processo de reminiscência, como exemplificado nas escutas prestadas durante o estágio e relatadas nesse artigo. É possível observar que, diante da atemporalidade do inconsciente e assim, do não envelhecimento do sujeito, sustentar a concepção arcaica do discurso meramente biologicista não é plausível nem aceitável. Há que se atualizar e repetir, e elaborar as memórias do que se viveu, mas além disso, há que se contar com o outro, que ecoa, partilha e legitima no laço social a existência do sujeito.



No processo de compor memórias o tempo presente evoca o passado e possibilita ao sujeito que envelhece o reconhecimento de sua trajetória de vida pelas lembranças, conseguindo localizar-se como sujeito, apesar das mudanças físicas, sociais e vinculares. Assim, a repetição própria da reminiscência mantém o sujeito velho vivo e desejante no laço social. Advindo da experiência interessantíssima do estágio nesse ambiente de encontro para os sujeitos que estão vivenciando esse momento da vida, prestando-nos pela atenção à escuta atenta, foi possível valorizar a riqueza das reminiscências narrativas a nós, e proporcionar um lugar de acolhimento e legitimação a esses saberes e vidas singulares.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos queridos usuários do Centro Municipal do Idoso, por nos confiar aquilo que de mais precioso guardam consigo: suas memórias

## **REFERÊNCIAS**

BEAUVOIR, S. **A Velhice** (1970). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Cadernos de Atenção Básica, n.19. Brasília. Ministério da Saúde, 2006.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). **Obras completas Volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911- 1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: Aleph, 1993.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece: Psicanálise e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. Dissertação de Mestrado, Programa de Psicologia Clínica, PUC- SP, São Paulo, 1997.

GOLDFARB, D. C. Memórias e temporalidades: construindo histórias. In Côrte, B., Goldfarb, D. C. & Lopes, R. G. C. (Org.), **Psicogerontologia: fundamentos e práticas**. Curitiba, PR: Juruá, 2009. p. 95-101.



SALLES, R. J. **Longevidade e temporalidades: um estudo psicodinâmico com idosos longevos.** Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi: 10.11606/T.47.2019.tde-15012019-161553

